

O TURISMO EM TEMPOS DE AJUSTES*

Alfredo A. César Dachary**, Stella M. Arnaiz Burne*** & Fernanda César Arnaiz****

Resumo: Este documento visa levantar, de forma geral, as mudanças prioritárias que seriam dadas ao turismo como modelo e as bases teóricas que inicialmente identificamos, como adaptações já integradas ao modelo que se define como pós-pandêmico - nova crise global. Começamos definindo as questões prioritárias, para as teorias que as sustentam a fim de alcançar uma abordagem preliminar, a base para um estudo subsequente e coletivo de longo prazo. Portanto, não é coincidência que nossas conclusões tentem apresentar cenários novos ou alternativos, já que o turismo pós-pandêmico será, como toda a sociedade, diferente. O turismo não está morto, como alguns prevêem, é a distância que vai mudar como expressão de uma nova relação social em uma sociedade controlada digitalmente e um mundo que terá uma memória do Covid-19 que é muito difícil de esquecer.

Palavras-chave: Turismo; Pandemia; Crise global.

TOURISM IN CHANGING TIMES

Abstract: This work tries to propose, in a general way, the priority changes that would occur in tourism as a model and the theoretical bases that we initially identified, as adaptations already integrated to the model that defines itself as post-pandemic - new global crisis. We start from defining the priority themes, to the theories that support them in order to achieve a preliminary approach, the basis for a subsequent and collective study of long scope. Therefore, it is not a coincidence that our conclusions try to present new or alternative scenarios, since post-pandemic tourism will be, like all of society, different. Tourism is not dead, as some predict, it is the distance that will change as an expression of a new social relationship in a digitally controlled society and a world that will have a memory of the Covid-19 very difficult to forget.

Keywords: Tourism; Pandemic; Global crisis.

EL TURISMO FRENTE A TIEMPOS DE AJUSTES

Resumen: Este trabajo pretende plantear, de manera general, los cambios prioritarios que se darían en el turismo como modelo y las bases teóricas que inicialmente identificamos, como adecuaciones ya integradas al modelo que se autodefine como post pandemia - nueva crisis global. Partimos de definir los temas prioritarios, a las teorías que los respaldan para poder lograr un planteamiento preliminar, base para un estudio posterior y colectivo de largo alcance. Por ello no es un hecho casual que nuestras conclusiones intenten presentar escenarios nuevos o alternativos, ya que el turismo de la post-pandemia será, como toda la sociedad, diferente. El turismo no ha muerto, como algunos predicen, es la distancia la que cambiará como expresión de una nueva relación social en una sociedad controlada digitalmente y un mundo que tendrá un recuerdo del Covid-19 muy difícil de olvidar.

Palabras clave: Turismo; Pandemia; Crisis global.



Licenciada por *Creative Commons*
Atribuição Não Comercial / Sem
Derivações/ 4.0 / Internacional

* Texto traduzido do original, com a permissão dos autores, por Eliza Feres de Moura Botelho e Thiago Duarte Pimentel. Revisão técnica: Thiago Duarte Pimentel.

** Dr. en Ciencias Sociales por la Universidad Leiden, Holanda. Master en Sociología en FLACSO, Chile. Profesor investigador Titular C, Centro Universitario de la Costa, Universidad de Guadalajara (México). Investigador Nacional Nivel II en el SNI, México. Director del Centro de Estudios para el Desarrollo Turístico Sostenible (CEDESTUR). Autor de numerosos libros y artículos en revistas científicas de Argentina, España, Colombia, Brasil y México. [alfredocesar7@yahoo.com.mx]

*** Drª. en Antropología por la Université Laval, Québec; Escribana y Abogada por la Universidad Nacional del Litoral, Argentina. Profra investigadora Titular C, Centro Universitario de la Costa. Universidad de Guadalajara (México). Investigadora Nacional Nivel II en el Sistema Nacional de Investigadores, México. Autora de libros y artículos científicos en revistas de Argentina, Colombia, México y Brasil [stellaarnaiz@yahoo.com.mx]

**** Drª. en Turismo. Universidad Antonio de Nebrija, España. Maestra en Desarrollo Sustentable y Turismo. Profesora Investigadora de la Escuela de Turismo y Gastronomía. Universidad Anahuac - Puebla, México. Miembro del Sistema Nacional de Investigadores. Nivel I. Profesora Investigadora de la Escuela de Turismo y Gastronomía. Universidad Anahuac - Puebla, México. Autora del Libro: Ciudades Turísticas: Desarrollo e Imaginarios. El caso de Careyes y Nuevo Vallarta. [fernandacesarnaiz@yahoo.com.mx]

1. INTRODUÇÃO

Os estudos turísticos são os últimos a emergir das novas Ciências Sociais e Economia na primeira metade do século XX. Antes havia estudos pioneiros para defini-lo, então veio a luta social para poder integrá-la como um direito a uma sociedade em profunda transformação tecnológica, social e política.

Faz sete décadas que se impôs o turismo de massa e, nesse longo período, foram feitos ajustes seguindo a lógica do sistema dominante e coincidindo com uma nova ordem mundial de uma hegemonia crescente: os Estados Unidos.

Inicialmente, Fordismo e consumismo eram os eixos do modelo ideológico: o estilo de vida americano (American way of life), onde o turismo se integra como elemento central de consumo e prestígio; esta etapa coincide com os "anos dourados" dos Estados Unidos e sua contrapartida a guerra fria, na qual dois modelos opostos se enfrentavam, onde o turismo se tornou a bandeira da liberdade de movimento, consumo e democracia, em oposição a um modelo massivo e controlado pelo Estado.

Nos anos 1970, o surgimento de conflitos sociais nos Estados Unidos, desde a rejeição da Guerra do Vietnã, a luta pelos direitos civis e o fim do racismo, os problemas ambientais, o pós-fordismo e a profunda crise naquele país após a queda do petróleo, até a retirada do padrão ouro no apoio ao dólar e a perda da guerra no sudeste asiático, lançou as bases do neoliberalismo, um modelo que busca apagar as bases do anterior, mas não afeta o turismo, ao contrário, o incentiva, como moeda de troca contra o desmantelamento do Estado social.

No final daquela década, o surgimento do ecologismo e os maus resultados do desenvolvimentismo levaram à realização de pesquisa com o apoio da tecnologia da informação emergente, o que permitiu a realização de estudos globais, gerando a primeira voz de alarme e concluem propondo modelos alternativos desde o crescimento zero do Clube de Roma até o desenvolvimento sustentável que foi definido nos anos 80 e ratificado na década seguinte no Rio 21.

Estas profundas mudanças e idéias começam a ser integradas ao modelo de desenvolvimento turístico com um primeiro paradigma dentro do sistema hegemônico imposto pela globalização e onde o turismo é talvez um dos exemplos mais significativos deste fenômeno, pois navega nessa

nova conectividade e livre comércio e assim consegue se desenvolver em todos os países do mundo como a grande indústria global.

O início da sociedade em rede e a nova economia digital foram elementos importantes que o turismo soube aproveitar e integrar desde o marketing até o processo de conhecimento prévio do destino, passando por novas formas de avaliar experiências e socializar as viagens, conseguindo consolidar o turismo como uma experiência global e imaginária para um setor importante da população mundial.

Mas o neoliberalismo não poderia repetir a experiência fordista de emprego e maior qualidade de vida, embora, como diz Mason, tenha gerado um verdadeiro milagre, conseguiu reduzir a renda da maioria da sociedade enquanto aumentava o consumo (Mason, 2016).

Assim, o cidadão do século XXI se autoexplora em meio a um trabalho precário e sem direitos sociais, vive à beira de sua escassa renda em meio a um mar de produtos atraentes e isso o leva a ser cativo para a vida a crédito, único mecanismo para prolongar o consumo, sendo um dos fundamentais o turismo.

Em meio a esta crise estrutural do sistema onde 1% da população tem mais de 50% da riqueza gerada por essa metade da população, de acordo com o relatório mundial deste ano (Oxfam, 2020). Trata-se de uma dupla assimetria violenta, não só pela escassez, mas também pela abundância que o mercado oferece, um mecanismo de total alienação do consumo e, diante disso, existe o outro lado: a falta de direitos básicos, como água potável, energia, moradia digna, educação e saúde, entre os mais necessários.

Neste momento histórico, ela expressa sua conflitualidade nas três grandes crises que o mundo vive nestas duas primeiras décadas do século XXI, por um lado, a crise social e econômica expressa no aumento da polarização da pobreza entre a população mundial, acelerada pelo neoliberalismo e que permeou e se instalou amplamente na periferia e nos próprios países centrais.

Em segundo lugar, a luta pela hegemonia no sistema mundial entre a China e os Estados Unidos, que parece ser uma guerra comercial, embora ocorra em outras frentes, incluindo a guerra militar, biológica e de desinformação, a fim de ratificar aliados para este conflito global.

Em terceiro lugar, a síntese dos dois anteriores, que é a mudança climática global como resultado do

uso irracional dos recursos naturais e seus derivados, e que expressa o fracasso de meio século de ambientalismo, liderado por um industrialismo crescente com um extrativismo insaciável.

A tudo isso, se soma a pandemia planetária do coronavírus, que é a segunda grande síntese de um modelo consumista em uma sociedade individualista com sujeitos vazios e sem esperança, dentro de um Estado que se retira de um contrato social ultrapassado e alheio à nova realidade, para impor a lei absoluta do mercado, em que a vida entra como uma mercadoria desvalorizada.

Em meio a esta profunda crise há mais um elemento que não pode ser ignorado, o desenvolvimento intensivo de tecnologias que não só significam a substituição da força de trabalho humana, mas também lançam as bases daquela nova sociedade que não poderia viver dentro do velho modelo liberal e do contrato social e que vai além dele, transformando-se no novo paradigma que torna obsoleto o homocentrismo que existia no planeta desde os primórdios dos primeiros povos.

Isto implica não só em retirar o homem do centro produtivo e, portanto, integrá-lo como reserva ou decoração ao novo mundo tecnológico, mas também criar a base para sua substituição e, com isso, acabar com os eixos humanos que historicamente dominaram o pensamento: utopias, idéias, religiões e imaginários.

Como todas as mudanças e transições em si são processos duradouros, mesmo que consigam se impor com relativa rapidez sobre os centros de poder, cobrir todo o planeta ainda é uma tarefa titânica; antes, as transições duravam séculos, hoje, na sociedade em rede, os tempos são comprimidos e os impactos são potencializados, o que reduz a capacidade de resposta.

Neste cenário mundial, com suas diversas paisagens políticas e sociais, colocamos um dos modelos mais bem-sucedidos do capitalismo moderno: o turismo, uma atividade que conseguiu criar um mercado de ilusões, imaginários e evasão da realidade, que foi alimentado por imaginários sociais e foi reajustado no desenvolvimento desta e de outras atividades do sistema capitalista global, incluindo um mundo "paralelo" ao real e agora na dimensão virtual.

Todas estas mudanças e crises vêm tomando forma, mas uma mais importante delas surgiu, que alcançou o inimaginável, parando a economia mundial e aterrorizando a população global: a pandemia do

Coronavírus. Até há alguns meses atrás era impensável para a população, mas não para grupos de poder que já tinham referências muito claras e as evitavam porque implicariam grandes investimentos e acelerariam a crise que estava tomando forma.

Portanto, não podemos evitá-lo por três razões fundamentais: a sociedade mudará muito ao passar do consumo em massa para o medo e o pavor do "outro" como parte da estratégia de sobrevivência; em segundo lugar, o Estado possivelmente gerará políticas alternativas ou ratificará políticas repressivas, porque a vigilância cibernética da sociedade que gerou esta pandemia é "impossível de dismantelar", além de ser funcional em tempos de crise. Em terceiro lugar, a atividade que talvez seja uma das mais afetadas é o turismo, desde a crise no sistema global de transporte até as políticas e protocolos de saúde impostos por necessidade e ratificados pela sociedade do medo.

Para abordar este estudo, realizamos uma série de trabalhos, de escopo diferente, desde os realizados nos últimos cinco anos até os que acrescentamos com o último trabalho concluído em novembro de 2019, o estudo da região turística de Puerto Vallarta – Bahia de Banderas, com seus resultados publicados, e outros que não tínhamos integrado, mas por causa da situação os aprofundamos com entrevistas que complementaram o trabalho (César & Arnaiz, coordenadores, 2019).

Além disso, um texto preliminar dedicado à relação entre a pandemia e o turismo no caso do México, que faz parte de uma publicação agora eletrônica, a Associação Espanhola de Peritos Científicos em Turismo (AECIT), sobre as experiências dos países em relação à pandemia, ao turismo e à crise subsequente (César, 2020).

A vasta coleção de artigos e capítulos de livros gerou uma reflexão tão rápida e profunda quanto nunca antes vista, incluindo eventos icônicos como o 11 de setembro, a queda do Muro de Berlim e a crise de 2008, entre outros.

Por que a urgência da reflexão? As novas mudanças na sociedade em diferentes níveis e especialmente no turismo terão que ocorrer em pouco tempo, a fim de responder a uma sociedade que foi infectada pela semente do medo, que por sua vez gerou uma profunda desconfiança de tudo, como expressão de um sentimento muito primário, mas fundamental: a sobrevivência.

Esse mesmo sentimento está no Estado que pretende se reativar e isso o obriga a mudanças cujos limites ainda não foram demarcados, mas uma coisa é certa, a atividade que sentirá e deverá impulsionar essas transformações é o turismo, já que vive da imagem do destino, da segurança do lugar, da tranquilidade da sociedade, tudo aquilo que hoje não poderia ser garantido e, além disso, não será possível retornar a essas condições porque os tempos mudaram.

Mas isto não se limita ao turismo apenas como atividade, já que o sistema mundial de transporte também está em crise, algo que veio anos atrás, e a economia mundial está enfrentando uma grande crise que afetaria profundamente o turismo, já que não é um bem essencial, mesmo que faça parte dos últimos sonhos e utopias do viajante.

Neste documento pretendemos propor, de forma geral, as mudanças prioritárias que seriam dadas ao turismo como modelo e as bases teóricas que inicialmente identificamos, como adaptações já integradas ao modelo que se define como pós-pandêmico - nova crise global.

Começaremos definindo as questões prioritárias, as teorias que as sustentam, a fim de alcançar uma abordagem preliminar, a base para um estudo subsequente e coletivo de longo prazo.

2. A NOVA REALIDADE OU A ESPERADA ANTI-UTOPIA

Ao analisar os impactos do turismo e os problemas que eles geram na sociedade, natureza, cultura, economia e governança, torna-se evidente que não existem questões isoladas, mas sim concatenadas dentro do sistema que também não podem ser vistas como parciais para entender o todo.

Na pandemia, a dicotomia foi saúde - economia e muitos países e líderes preferiram a economia à saúde pública; na pós-pandemia, a dicotomia será reestruturar para equilibrar a sociedade ou seguir o curso atual de pauperização e eliminação do homem como ator direto na sociedade, rumo ao "colapso".

2.1 Primeira síntese: a mudança de época e o colapso

Em 2016, foi acordado reconhecer oficialmente a era do Antropoceno como uma época geológica na história da Terra. O problema foi identificar em que período de tempo isso é considerado como tendo começado, já que em algum lugar desde o nascimento da revolução industrial no final do século

XVIII e, para outros, só começaria em 1950, quando começou o período da "grande aceleração" nos Estados Unidos, que coincide com o uso intensivo de energias fósseis, o início da chamada era atômica, o início do consumismo e do turismo de massa.

Mas além dessa dúvida, sobre o período em que se origina, há o fato de que há autores que preferem chamar esse período de Capitaloceno, já que a modernização fóssil e seu impulso imperial unificou o mundo, para obter maior riqueza, sendo a classe no poder a responsável (Mauelshagen, 2017).

Esta é a primeira grande síntese, o homem com suas ações transforma a natureza, o clima e acelera o processo de perda da biodiversidade, a combinação do efeito da mudança climática e o uso irracional dos recursos, neste novo cenário de transformações muito difíceis de deter, sem mudar o modelo geral do sistema em que estamos vivendo, portanto, estamos enfrentando um colapso potencial.

2.2 Território e Turismo

Um tema comum na maioria dos destinos é o território, expresso em seu uso e abuso, como o excesso de densidade e os Programas de Desenvolvimento Urbano, que é uma consequência direta da falta de governança, e que afeta a qualidade de vida na região, já superada em seus serviços e pode gerar um processo de gentrificação; portanto, os habitantes locais deixam esta área e procuram novas moradias em lugares mais acessíveis.

A crise na sociedade anfitriã está se acelerando com a chegada de imigrantes, que ocupam posto de trabalho locais de baixo salário, por isso também eles devem migrar para outro emprego ou local.

Se a isto integramos a mudança climática global e suas consequências, devemos repensar o desenvolvimento sustentável como uma estratégia que, pela primeira vez pareceria possibilidades, pois a pós-pandemia porá um fim à massificação do uso, consumo e abuso de recursos no mundo para turismo, indústrias e atividades e serviços em geral, talvez não porque convicção apenas por necessidade.

Quando especialistas falam sobre a morte do turismo de massa, eles não se referem ao fim do capitalismo, já que este estava a caminho de uma grande diversificação de segmentos para ter muitas opções, embora por razões "econômicas", apoiado pelo Estado, ainda dominava os mega-destinos com altas densidades.

Assim, o "fim do turismo de massa" não é o fim do turismo, mas uma revitalização e humanização da jornada para torná-la mais humana, menos invasiva, mais personificada, menos isolada e mais compartilhada com a sociedade anfitriã e, portanto, menos gerador de contradições locais - turistas, como fonte de fobia ao turismo.

2.3 Conectividade - Globalização: Turismo de Massa

A conectividade tornou-se a base da sociedade global, já que os indivíduos se conectam com o resto do mundo de apenas duas maneiras: através dos mercados e pelos meios de comunicação e transporte, fazendo de cadeias de abastecimento um novo sistema nervoso do capitalismo global (Khanna, 2016).

O transporte, uma atividade econômica central no mundo globalizado do turismo, já que é o mecanismo que move os turistas, e é uma das atividades deste cluster que gera mais renda; estamos falando da indústria aérea, mundial, do transporte rodoviário e turístico, das empresas de navegação e seus cruzeiros turísticos.

Um estudo publicado na Nature Climate Change estima que o turismo é responsável por 8% das emissões globais de gases de efeito estufa, um valor quatro vezes maior que as estimativas anteriores, entre 2,5 e 3%. A diferença é que as emissões provenientes do transporte, produção de alimentos e bebidas, manutenção de infra-estrutura ou serviços de varejo em destinos turísticos anteriormente não eram levadas em conta.

Os resultados mostram um aumento na pegada de carbono do turismo entre 2009 e 2013. O estudo também revelou que as viagens aéreas são um fator chave na pegada do turismo e que as emissões aumentam com o crescimento do turismo de baixo custo (Agora, 2019).

Os cruzeiros são um dos segmentos do turismo internacional que mais cresce, aumentando de 9,3 milhões de passageiros em 2003 para quase 30 milhões em 2018. *Ecologistas en Acción* juntamente com a organização alemã *Nature and Biodiversity Conservation Union* (NABU) realizou medições nos terminais de cruzeiro de Barcelona, Palma de Mallorca e no Estreito de Gibraltar e o resultado mostrou níveis de poluição até 70 vezes superiores à concentração de fundo normal das cidades (Ecologistas en Acción, 2020).

2.4 Do Território "Vazio" ao Uso do Espaço Social Urbano

A visão de território que temos atualmente é gerada na construção do Estado Nação, pois naquela época foi criada e consolidada uma noção jurídico-política de território, derivada do conhecimento e da conquista do mundo, do Estado moderno e do século das luzes à era da valorização dos chamados recursos naturais (Santos, 1996).

O território é para Santos, um conjunto de formas, mas o território usado é um conjunto de objetos e ações, espaço humano, espaço habitado, e por isso hoje o território pode ser formado por lugares contíguos e lugares em rede; estes últimos operavam graças às novas tecnologias.

Para Henri Lefebvre, o domínio sobre o espaço constitui uma fonte fundamental e onipresente do poder social na vida cotidiana, algo que Harvey retoma ao propor analisar como essa forma de poder social se articula com o controle do tempo, com o dinheiro e outras formas de poder social. Isto é ratificado por Landes (1993), que afirma que "a medição do tempo tem sido ao mesmo tempo um sinal da nova criatividade e um agente catalisador do uso do conhecimento para riqueza e poder" (Harvey, 2004: 251).

E é que o turismo é: um agente espetacular de reestruturação do mundo e de sua percepção, portanto o cenário turístico é talvez o que melhor resume as contradições das sociedades modernas tardias ou menos desenvolvidas, já que cria uma tensão entre o local e o global e, ao mesmo tempo, gera uma extinção de todos os vestígios de natureza intacta que conclui com a perda do sentido histórico. Isto se deve ao fato de haver uma hegemonia da imagem na articulação do social como resultado de uma conquista total do tempo livre pelas relações de produção capitalista, que dão ao turismo a força de ser um modelo do sistema em que ele ocorre (Santa Ana, 2004).

As consequências "positivas" são que o turista fica em hotéis-cenários, onde experimenta o prazer de viver a irrealidade de um espaço e um momento de encantamento, ao mesmo tempo em que participa da miragem da simulação, já que este é um lugar inventado, um paraíso construído, que aspira a assemelhar-se ao lugar real que já não existe (Vega, 2004).

O turista, descontextualizado da realidade, parece estar sempre no mesmo lugar porque está habitando enclaves que ficaram sem memória, estes

são os não-lugares: hotéis, shopping centers, restaurantes temáticos, marinas, aeroportos e parques temáticos (Augé, 1996).

O turismo desempenha o papel do principal agente de desmemorização no mundo, mas às vezes é apresentado como o contrário, disfarçando o local com seus padrões banais de conforto, nostalgia e superexposição, transformando o território em um grande parque temático no qual os turistas se divertem e os locais fazem parte do cenário, já que o "exótico" não pode faltar.

O território é o lugar onde, com todos os seus atributos naturais, culturais, sociais e históricos, acontece esta complexa atividade, que como parte do sistema está à mercê da exigência do mercado, portanto acaba sempre afetando a sociedade anfitriã de diferentes maneiras, é uma espécie de "tributo" cobrado pelos "modernizadores", ou mais conhecidos, como desenvolvedores.

3. ABORDAGENS ALTERNATIVAS

As transformações do mundo atual a curto prazo são um fato difícil de negar, embora ainda mais para saber onde elas levarão, uma sociedade menos assimétrica ou continuar com a polarização social. A fim de buscar abordagens alternativas, devemos partir da conceituação do turismo, para entender qual destas ou a combinação das quais dominaria a nova etapa.

3.1 O que é o turismo hoje?

Portanto, a primeira pergunta a ser respondida será: O que é o turismo hoje? E o que poderia ser se as três medidas básicas da pandemia fossem mantidas, algo muito possível: controle, distância e proteção.

Na definição clássica de Zigmunt Bauman, para o que ele chama "a sociedade líquida", o turista e o viajante são consumidores, mas este último é um consumidor defeituoso; seu potencial de consumo é tão limitado quanto seus recursos (Bauman, 2001). Esta ideia é uma descrição do mundo da assimetria global.

Mas já no século XXI, existe uma definição mais filosófica de turismo, derivada da constituição hipercultural, da justaposição de simultaneidade ou disjunção inclusiva, que também transforma a topologia da felicidade. Assim, os turistas em "camisas havaianas" não conhecem nem a felicidade nacional

nem o canto feliz da alma, eles têm uma felicidade constituída de uma maneira diferente, uma felicidade que nasce de uma "defactificação" (tornar-se genuinamente cultural), de suprimir a conexão com o aqui, com o lugar. Os turistas habitam um mundo feliz que perde seus limites e se transforma em um hipermercado de cultura, em um hiperespaço de possibilidades. Haverá uma nova era para os povos nativos, os eremitas ou os ascetas ou outros fundamentalistas do lugar (Han, 2018).

Mas a questão é *como a sociedade, mesmo que o Estado apoie e pressione, voltará à "normalidade passada"?*, em uma atividade onde o eixo é a relação direta e o tratamento pessoal com os turistas, o que hoje seria muito perigoso por causa das novas infecções potenciais.

O novo turismo além do ecológico, ou seja, o desenvolvimento sustentável, terá que ter outras características:

- Reduzir a massa de visitantes e trabalhadores, já que hoje um hotel 5 estrelas tem aproximadamente 1,5 trabalhadores totais por quarto de hotel, que geralmente neste caso são mais de 500 quartos.
- A tecnologia reduzirá o emprego direto: check-in e check-out, reservas, serviços de quarto, segurança interna e saúde, tudo isso poderia ser digital.
- Os processos emissor-receptor também serão tratados como uma cadeia de abastecimento, por um lado, em quem está o sujeito, que será confiada às agências de vigilância cibernética, por outro, o processo de viagem também está sob controle desde da partida até a chegada para evitar novas infecções potenciais.
- As cadeias de fornecimento e de valor terão que ser muito controladas, para evitar problemas de saúde, combinando equipamentos digitais e gerenciamento direto.
- Os processos de operação dos centros de alojamento, restaurante e lazer também terão protocolos rigorosos.

Em resumo, o turismo será a cópia fiel e aumentada de uma sociedade de controle, onde a ideia do panóptico, captada por Michel Foucault, veria na sociedade de hoje um reflexo desse sistema. A passagem do tempo nos fez mergulhar numa nova sociedade disciplinar, que controla o comportamento de seus membros através da imposição de vigilância.

A perda de empregos pode se tornar um sério problema para o destino, é um tópico a ser considerado, já que inevitavelmente o uso da tecnologia garante eficiência e cumprimento sem exceção de regras.

Um novo modelo de negócios surge como um poderoso tipo de empresa, a Plataforma, que surge da necessidade de gerenciar dados e se tornou muito eficiente para monopolizar, extrair, analisar e usar quantidades crescentes de dados, sendo um modelo que se expandiu pela economia de grandes corporações como Google, Amazon, até mesmo Uber e Airbnb. Estas empresas se posicionam como intermediárias, reunindo diferentes usuários e com as plataformas também vêm uma série de ferramentas que permitem aos usuários construir seus próprios produtos, serviços e espaços de transação (Srniczek, 2018).

Teoricamente estas mudanças nos levam a novas noções de como seria a sociedade digital, há experiências que não devemos esquecer, como quando a guerra contra o terrorismo é declarada, uma série de medidas duras são tomadas, que são então consideradas inimagináveis de reverter, ou seja, de acabar com elas, no caso atual da pandemia, a cibervigilância que cobre a maioria da população não poderá ser reduzida, será um "direito adquirido" do Estado, o que trará sérias consequências na atividade econômica em geral.

O poder do realismo capitalista deriva em parte da forma como o capitalismo subordina e consome todas as histórias anteriores. Este é um efeito de seu sistema de "equivalência geral", capaz de atribuir valor monetário a todos os objetos culturais, quer estejamos falando de iconografia religiosa, pornografia ou do "Capital" de Marx (Fisher, 2018).

A nova sociedade será baseada no conceito moderno de humanidade, entendida como um conjunto próprio, tras-histórico, evolutivo e, a priori, livre de seu destino. A técnica, ao ter constituído um sistema tornou-se autônoma e o homem, particularmente o político, não tem controle sobre ele; isto constitui um golpe para o orgulho humano (Sadin, 2017).

3.2 Um novo modelo de desenvolvimento turístico sustentável

Após três décadas considerando o turismo sustentável, que é uma perspectiva muito particular, já que o mínimo que deve ser exigido é que o destino

seja sustentável, ou seja, incluindo a sociedade anfitriã e o cluster turístico, hoje a crise ambiental (mudança climática global) e a crise da saúde (Pandemia Covid-19), exigiram como primeira prioridade, redefinir em cadeia todos os processos e atores desta complexa atividade turística.

O desenvolvimento sustentável cobre todo o território do município, região, estado ou país, e não pode ser dissociado do turismo e do resto das atividades, que no caso de uma economia turística são todas dependentes dele.

Como não conseguimos uma teoria integrada do desenvolvimento sustentável, mas sim suas características, nos basearemos em uma proposta geral para equilibrar e racionalizar a sociedade e o que ela acomoda, como é o caso do turismo.

A proposta da Tanuro implica quatro movimentos simultâneos, que são:

- Em primeiro lugar, saturar a demanda por necessidades sociais reais.
- Em segundo lugar, reduzir a produção total de material, reduzindo o tempo de trabalho e eliminando a produção inútil e prejudicial, bem como uma parte substancial do transporte.
- Em terceiro lugar, aumentar radicalmente a eficiência energética e mudar completamente para energias renováveis, independentemente dos custos.
- Quarto, criar as condições políticas e culturais para uma responsabilidade coletiva pelo que é produzido, depois consumido através de uma direção democrática da transição (Tanuro, 2011).

Isto implicará uma nova relação entre as figuras tradicionais do modelo de desenvolvimento turístico e as novas técnicas e estratégias para medir os problemas ambientais, sociais e econômicos através da informação maciça das redes sociais e as outras que são feitas no tráfego diário de comunicação de informação através da web.

A tendência é que a digitalização acelerará como mecanismo de precaução para a segurança e eficiência em um novo modelo de negócios que substitui o modelo anterior que vem do modelo de emprego em massa de baixo custo, típico dos países emergentes, já fora de circulação há uma década na Europa.

A gestão de praias inteligentes, regiões e vilarejos rurais será um exemplo já na Europa da economia digital. O novo desenvolvimento sustentável será

apoiado por uma economia digital cujo modelo são as cidades inteligentes, que conseguem controlar energia, água, circulação, consumo e segurança através de sistemas de plataforma que são alimentados pelas informações geradas pelos cidadãos, turistas e passageiros de pouco tempo e processados pela *Bigdata* hoje e amanhã pela forte inteligência artificial.

Transporte e Conectividade. A conectividade é o novo objetivo padrão de nossa era, como a liberdade ou o capitalismo, é uma ideia histórica mundial, que é gestada, propagada e transformada durante um longo período de tempo e causa mudanças transcendentais (Khanna, 2016).

No turismo, o transporte faz a diferença; desde o final da década de 1950' e o nascimento do charter e das companhias aéreas são até hoje o principal meio de transporte do turismo internacional, ao mesmo tempo, são um dos principais emissores de gases de efeito estufa no mundo, que somados aos outros gerados pelo turismo transformam esta atividade em um grande gerador de uma pegada ecológica muito forte.

O problema do transporte aéreo poderia ser dividido em três subtemas, todos eles muito importantes e inter-relacionados:

As companhias aéreas e sua crise. O crescimento ilimitado deu origem à grande massificação do transporte aéreo desde o antigo charter até o baixo custo, hoje antes do fechamento maciço por três meses destes e a perspectiva de pouco incentivo para retornar a um modelo já considerado obsoleto: a massividade. Portanto, a política a ser seguida será decisiva na nova arquitetura do negócio do transporte aéreo, onde parte da sociedade já entende o custo ambiental do transporte aéreo e está pensando em reduzi-lo o máximo possível.

A expansão da aviação comercial: tanto de passageiros quanto de carga, levou a um boom nos novos aeroportos que se alimentam de terras periféricas para grandes centros urbanos, o que também tem um limite, mais ainda para um modelo de turismo sustentável.

Será fundamental a intermediação da Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA) com destinos, acordos, protocolos e operações, ou seja, a continuação do novo panóptico digital, que será integrado ao sistema mundial de controle da

população em movimento, através de novos equipamentos digitais e novos protocolos de operação aérea e a segurança dos viajantes.

Impacto, novos combustíveis e motores alternativos: As novas tecnologias terão que reduzir o impacto dos motores com a emissão de gases de efeito estufa, o que garantirá um impacto menor na atmosfera e nas cidades receptoras e emissoras. Estes projetos já têm grandes avanços e são aplicados nos novos modelos que estão saindo.

Transporte alternativo: Esta é uma opção que se instalou, especialmente trens de alta velocidade, trens elétricos e super trens que circulam a uma velocidade semelhante à dos aviões, o Hyperloop, que estão sendo transformados em verdadeiros modelos alternativos, com menores custos ambientais, sociais e, a longo prazo, econômicos.

Alojamento, alimentação e lazer. A visão e a audição nos informam sobre coisas que acontecem longe, o toque nos ajuda a entender o que está acontecendo lá, mas também funciona como um recurso para construir laços e ligações entre os animais sociais, dentre os quais estão os humanos.

As pesquisas concordam que a maneira como nos tocamos e nos abraçamos reproduz a maneira como nossos antepassados, os macacos, verificavam suas peles e se preparavam. Em uma famosa investigação de restaurante, Crusco e Wetzell mostraram que garçons que tocaram brevemente seus clientes no ombro ou no braço conseguiram triplicar suas gorjetas, mesmo que o cliente não percebesse o contato em um nível consciente.

Nem todas as sociedades e culturas se tocam da mesma maneira, nem aceitam a mesma distância corporal, e cada sociedade estabelece uma certa "distância normativa" que marca até onde é correto se aproximar da outra, de que lugar falar com ele, como cumprimentá-lo (Natanson, 2020).

Os próximos, a disciplina que estuda a relação espacial entre as pessoas, determinou que culturas diferentes têm concepções diferentes, e por isso as explicações são diferentes, como as antigas epidemias que assolavam o Norte e acostumavam seus povos a uma distância maior para evitar o contágio; mais superlotação nos países do Sul, o que os obriga a compartilhar o espaço e os acostuma a uma maior proximidade; a cultura da informalidade que prevalece no Mediterrâneo e que tem o contato como uma de suas rotas. Embora as razões possam

parecer um pouco essencialistas, a verdade é que a diferença existe: nós latinos nos tocamos com mais frequência e estamos mais próximos uns dos outros do que os anglo-saxões (Hall, 2005).

Tudo isso implica mudar nossos modelos de aproximação e ainda mais no turismo, onde relações próximas e presenciais são fundamentais para incutir confiança, tudo isso começará a ser revisto, qualificado e ordenado em um novo protocolo, o que mudará a forma do acordo, mas na profundidade do próprio acordo.

É por isso que o confinamento está reconfigurando rapidamente o mundo em que vivemos, e a "nova normalidade" está sendo construída agora mesmo, diante de nossos olhos, e abrange não apenas os campos óbvios da política e da economia, mas também aspectos mais subterrâneos: os laços entre as pessoas, as formas de expressão, as afetividades. Como as relações sociais serão transformadas a partir da des-presencialidade obrigatória?

Tudo isso será fundamental em uma atividade personalizada como o turismo e suas diferentes atividades que o integram, o que é um novo desafio de natureza sociológica que implicará um maior treinamento para o novo negócio, e para os funcionários assimilá-lo a algo que há alguns meses atrás era a verdadeira vida cotidiana.

3.3 Cidades Turísticas - Cidades Inteligentes

Um dos temas centrais do projeto Cidades Inteligentes é a mudança climática e a responsabilidade das cidades e seu envolvimento na realização de cidades sustentáveis e desenvolvidas em todo o mundo; isto implica a necessidade de se afastar da economia de carbono, pois os níveis de consumo de energia das cidades são insustentáveis.

As cidades geram 70% dos gases de efeito estufa, 40% das emissões diretas e 30% da produção de bens consumidos pela cidade. E para ter postes suficientes para carregar o veículo elétrico nas ruas e nos edifícios residenciais em todas as cidades, será necessário que as cidades se tornem produtoras de energia dentro de três a cinco anos especialmente a partir de energias renováveis.

Os aspectos mais importantes na busca de um planejamento urbano adequado e sustentável concentram-se na necessidade de maior participação da sociedade civil nas decisões de política urbana, o

que é impossível porque uma grande parte da população ainda não tem acesso à Internet.

Em 2018, a Rede de Destinos Turísticos Inteligentes realizou sua primeira reunião em Alcalá de Henares de gerentes da recém-criada Rede, da qual participaram mais de 40 destinos. O encontro serviu para compartilhar os conceitos essenciais do destino turístico inteligente, bem como o modelo de diagnóstico e planejamento estratégico, o que implica que já existe um caminho para as mudanças que virão.

Esta Rede visava envolver os administradores de destinos e compartilhar com eles a metodologia utilizada no projeto de destino turístico inteligente e explicar os requisitos, procedimentos e fases que um destino atravessa até sua conversão. Entre os objetivos destes destinos está o de garantir o desenvolvimento sustentável do território turístico, garantindo a acessibilidade para todos, facilitando a interação e integração do visitante com o meio ambiente e aumentando a qualidade da experiência no destino, enquanto melhora a qualidade de vida do residente (Smart Cities, 2018).

As cidades inteligentes são o resultado da geração digital e de uma nova era de combustíveis pós-fósseis, que combina a luta contra a mudança climática, o desenvolvimento sustentável e o turismo de baixo impacto, tornando-o muito atraente para as mudanças que estão vindo na era pós-pandêmica ou da crise econômica.

CONCLUSÕES

Como bem afirma Ignacio Ramonet, a pandemia não é apenas uma crise de saúde, é o que nas Ciências Sociais é descrito como um "fato social total", no sentido de que convulsiona o sentido das relações sociais e choca todos os atores, instituições e valores (Ramonet, 2020).

Por esta razão, não é por acaso que nossas conclusões tentam apresentar cenários novos ou alternativos, já que o turismo pós-pandêmico será como toda a sociedade de forma diferente, mesmo que as perspectivas dos diferentes grupos sociais não sejam as mesmas.

Há dois cenários principais, um é o ideal, que implicaria um ajuste integral, que reduziria drasticamente as ameaças existentes dentro de um quadro de liberdades e o outro seria o oposto, que se consolida uma posição dura, a caminho de uma

transição mais profunda, que implica a perda do homocentrismo e a entrada num mundo de multiatores, entre humanos e não-humanos e potencialmente entre híbridos.

Os temas centrais que estarão no centro dessas mudanças e muito especialmente na reformulação do mundo do turismo seriam:

- Reformulação das organizações internacionais, com uma agenda de assuntos planetários, em nosso caso, a Organização Mundial do Turismo (WTO), a Organização Mundial do Comércio (WTO), a Associação Internacional de Transporte Aéreo (IATA) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).
- Um estado forte é o objetivo dos dois cenários, que têm seus prós e contras, desde uma resposta social à crise até um estado de controle total do cidadão, no nosso caso do turismo, levará a um "planejamento turístico" como no início do século 20.
- Informação - desinformação - controle - alienação (O turismo pode ser um elemento alienante?).
- Sociedade digital, haverá um verdadeiro turismo com operações virtuais.
- Conflito social e confronto global contra a assimetria mundial.
- Modelos regionais e sua integração econômica.

A maior simplificação seria manter o turismo como elemento supérfluo, o que era real no início do século 20, mas com a massificação o turismo se tornou parte de um novo conceito: qualidade de vida. Inicialmente, o descanso e as férias se tornaram um direito, depois se tornou um novo elemento do cidadão que vive concentrado em poucos metros nas grandes cidades; assim o turismo foi um verdadeiro reativador das forças do trabalhador de colarinho branco, hoje dominante.

Por esta razão, o turismo deixou de ser um luxo há muito tempo para se tornar um componente de equilíbrio emocional e a utopia de uma qualidade de vida, com as mudanças da sociedade pós-pandêmica, estas podem se tornar muito grandes, talvez enfrentando o gerente mundial disto, a UNWTO, que só reconhece como tal o turismo internacional, uma visão obsoleta disto que há sete décadas expresso nas férias de verão e hoje nas férias de fim de semana, as viagens mais curtas, mas mais intensivas.

Hoje, o turismo doméstico pode ser um importante motor no renascimento e não seria uma novidade; os Estados Unidos são líderes no turismo doméstico e a Espanha e a França também compartilham um forte movimento nessa direção.

O turismo não está morto, como alguns prevêm, é a distância que vai mudar como expressão de uma nova relação social em uma sociedade controlada digitalmente e um mundo que terá uma memória do Covid-19 que é muito difícil de esquecer.

REFERÊNCIAS

- Ágora (2019). *¿Sabes cuál es la huella de carbono del turismo mundial?* Disponible en: <https://www.agorarsc.org/sabes-cual-es-la-huella-de-carbono-del-turismo-mundial/>. Consultado en: Marzo 4, 2020.
- Augé, Marc (1996). *Los "no lugares" espacios del anonimato. Una antropología de la sobre modernidad*. España. Gedisa.
- Bauman, Zygmunt (2001). *La Globalización. Consecuencias humanas*. México. FCE.
- César Dachary, Alfredo (2020). Sociedad, turismo y pandemia: cambio o continuidad. En: *Turismo post Covid-19*. AECIT, abril.
- César Dachary, Alfredo y Stella Maris Arnaiz Burne (Coordinadores) (2019). *Sociedad, Desarrollo y Perspectiva. La región turística de Puerto Vallarta y Bahía de Banderas*. México. AEBBA - OIRTPVBB - UdG.
- Ecologistas en Acción (2020). *El turismo de cruceros crece en volumen y también en contaminación e impactos socio ambientales*. Canarias 25/01. Disponible en: <https://www.ecologistasenaccion.org/134447/el-turismo-de-cruceros-crece-en-volumen-y-tambien-en-contaminacion-e-impactos-socioambientales/>. Consultado en: 20/05/20.
- Fisher, Mark (2018). *Realismo capitalista. ¿No hay alternativa?* Buenos Aires. Caja Negra.
- Hall, Edward T. (2005). *La dimensión oculta*. México. Siglo XXI.
- Han, Byung-Chul (2018). *Hiperculturalidad*. Argentina. Herder.
- Harvey, David (2004). *La condición de la postmodernidad. Investigación sobre los orígenes del cambio cultural*. Argentina. Amorrurtu.
- Khanna, Parag (2016). *Conectografía. Mapear el futuro de la civilización mundial*. España. Paidós. Estado y sociedad.
- zMason, Paul (2016). *Postcapitalismo. Hacia un nuevo futuro*. Buenos Aires. Paidós.
- Mauelshagen, Franz (2017). Reflexiones acerca del Antropoceno. México. *Desacatos* 54. mayo-agosto pp.74-89. Disponible en:

- [file:///C:/Downloads/Dialnet-ReflexionesAcercaDelAntropoceno5996778%20\(2\).pdf](file:///C:/Downloads/Dialnet-ReflexionesAcercaDelAntropoceno5996778%20(2).pdf) Consultado en: Diciembre 15, 2019.
- Natanson, José (2020). *Pandemia y distanciamiento social*. Buenos Aires. Le Monde Diplomatique, edición Cono Sur. Abril 2020. Disponible en: <https://www.eldiplo.org/notas-web/cuando-volvamos-a-abrazarnos/> . Consultado en: Abril 10, 2020.
- Oxfam (2020) *Tiempo para el cuidado*. El trabajo de cuidados y la crisis mundial de desigualdad. Informe Oxfam 2020. Disponible en: <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620928/bp-time-to-care-inequality-200120-es.pdf> . Consultado en: Abril 4, 2020.
- Ramonet, Ignacio (2020). *Coronavirus la pandemia y el sistema mundo*. Abril. Página 12. Buenos Aires. Disponible en: <https://www.pagina12.com.ar/262989-coronavirus-la-pandemia-y-el-sistema-mundo> . Consultado en: Abril 6, 2020.
- Sadin, Eric (2017). *La Humanidad aumentada*. La administración digital del mundo. Buenos Aires. Caja Negra.
- Santa Ana, Mariano (editor) (2004). Presentación. En: *Paisajes del Placer, paisajes de la crisis. El espacio turístico y sus representaciones*. España. Fundación César Manrique.
- Santos, Milton (1996). *De la totalidad al lugar*. España. Oikos-Tau.
- Smart cities.com (2018). *Red de Destinos Turísticos Inteligentes celebra su primer encuentro en Alcalá de Henares* 18/12. Disponible en: <https://www.esmartcity.es/2018/12/18/red-de-destinos-turisticos-inteligentes-celebra-primer-encuentro-alcala-de-henares> . Consultado en: Diciembre 5, 2019.
- Srnicek, Nick (2018). *Capitalismo de Plataformas*. Buenos Aires. Caja Negra.
- Tanuro, Daniel (2011). *El imposible capitalismo verde. Del vuelco climático capitalista a la alternativa eco socialista*. España. La Oveja Roja.
- Vega, Carmelo (2004). Paisajes de tránsito: invenciones de la mirada turística. En: *Paisajes del Placer, paisajes de la crisis. El espacio turístico y sus representaciones*. Fundación César Manrique. España.

Proceso Editorial / Editorial Process / Processo Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recibido / Received / Recibido: 11.06.2020; Revisado / Revised / Revisado: 07.12.2020; Aprobado / Approved / Aprobado: 17.12. 2020; Publicado / Published / Publicado (online): 26.12.2020.

Tradução do original do autor / Translation of author's original paper / Texto traducido de la versión original del autor.